

Cadernos Macambira
V. 5, Nº 2, 2020. Página 86 de 448. ISSN 2525-6580
Anais do I Congresso Internacional Online de Educação Profissional, Territórios e Resistências - I CIEPTER – 21 a 30 de setembro de 2020.
Serrinha, BA, Laboratório de Políticas Públicas, Ruralidades e Desenvolvimento Territorial – LaPPRuDes
http://revista.lapprudes.net/

Grupo de Diálogo 2: Educação Profissional e Tecnológica, Agroecologia, Etnoconhecimentos e Territórios Camponeses

Rodas de aprendizagem: metodologias participativas para a construção de um novo ater, estudo de caso na comunidade rural de Riachão, Filadélfia/Ba

Anderson Moreira de Jesus, UNIVASF. amjmoreiraufrb@gmail.com;
Alane Amorim Barbosa Dias, UNIVASF. alane.a@hotmail.com;
Seonária Costa Santana, UNIVASF. nara.pedagoga@hotmail.com

Palavras-chave: Educação Profissional e Tecnológica, Agroecologia, Etnoconhecimentos, Territórios Camponeses.

INTRODUÇÃO

A roda de aprendizagem é uma metodologia muito importante para a tentativa de superar o modelo de ATER difundido no Brasil. A partir dos anos 1950, quando se consolida a produção de bens de capital na extensão rural no Brasil e desde o início da segunda metade do século XX, quando é consolidada a produção de bens, é implantada a tarefa de educar o homem do campo para tirá-lo do atraso, fazendo com que a extensão se adapte ao modo de produção predominante e motriz do modelo de desenvolvimento (CAPORAL e COSTABEBER, 2007). Concluiu-se que o trabalho com pequenos agricultores não dá os resultados esperados, o trabalho com médios e grandes produtores seja feito com aqueles que estejam aptos a adotar as tecnologias modernas (CAPORAL; COSTABEBER, 2007).

A roda de aprendizagem faz parte da metodologia utilizada na ATC (Assessoria Técnica Contínua), realizada pela CACTUS (Associação de assistência técnica e assessoria aos trabalhadores rurais e movimentos populares), parceira do projeto Pró Semiárido (CAR/SDR/FIDA). Se caracterizando um espaço de grande importância, capaz de proporcionar um espaço de descontração, diálogo, permitindo a socialização das experiências, vivências e troca de saberes, possibilitando a construção do conhecimento coletivo, num ambiente democrático estabelecido por metodologias horizontais, além de facilitar que os agricultores e agricultoras façam uma reflexão crítica das suas próprias ações, em sua realidade local e regional.

A sistematização desta atividade é decorrente das experiências que aconteceram no Território Busca Vida – Filadélfia /BA. Experiência essa baseada na metodologia da Roda de Aprendizagem que tem o objetivo de abordar temáticas comuns ao cotidiano dos agricultores e agricultoras, evidenciando o papel do debate coletivo para a reflexão sobre uma determinada temática e tomada de decisão no avanço em conjunto das problemáticas existentes na comunidade e nas unidades de produção familiar.

O território Busca Vida é constituído por quatro comunidades Quilombolas e rurais, Riachão, Caveira, Zangano e Riacho do Silva, todas essas comunidades fazem parte do Bioma Caatinga e tem passado por problemáticas diversas, por conta das longas estiagens e irregularidades das chuvas. Essas comunidades rurais que já foram grandes produtoras de feijão, milho e melancia na região, atualmente têm passado grandes dificuldades. Mas é marcada também pela resistência de um povo que permanece batalhando em suas propriedades, impulsionando a organização social, celebrando práticas culturais e vivendo de acordo com seus costumes e práticas agrícolas historicamente construídas.

É importante destacar que dentro da forma metodológica de propagar o conhecimento toda atividade desenvolvida é baseada a partir das abordagens do sistema de Indicadores de Sustentabilidade em Agroecossistemas– ISA. A ferramenta ISA é um sistema integrado para a aferição do desempenho socioeconômico e ambiental das propriedades rurais que permite ao produtor rural realizar a gestão do seu empreendimento. É composta por um conjunto de 23 indicadores que abrangem o balanço econômico e social, gestão de estabelecimento, qualidade da água e do solo, manejo dos sistemas de produção, diversidade da paisagem e estado de conservação da vegetação nativa. É sobre esse parâmetro de observação das problemáticas na esfera da propriedade rural e na busca por melhoria para o agricultor e sua relação sustentável com o meio ambiente que procuramos criar as rodas de aprendizagem, seguindo também os indicadores do plano de adequação da ISA, principalmente com foco na produção, redução de insumos externos, meio ambiente e sustentabilidade.

Em linhas gerais a Roda de Aprendizagem tem o objetivo de abordar temáticas comuns ao cotidiano dos agricultores e agricultoras, evidenciando o papel do debate coletivo para a reflexão sobre uma determinada temática e tomada de decisão conjunta, e a partir daí trilhar caminhos e

possibilidades para o avanço na mitigação ou superação em conjunto das problemáticas existentes na comunidade e nas unidades de produção familiar.

DESENVOLVIMENTO

A roda de aprendizagem se deu a partir das reflexões durante os dias de estudos e as vivências experimentadas até então nas comunidades. A possibilidade de trazer um tema transversal para a comunidade tendo em base os diagnósticos percebidos após as avaliações das ISA´s, como o objetivo de trabalhar com um grupo de beneficiários e beneficiárias que moram uns próximos ao outros, também no propósito de fortalecer a relação entre a vizinhança, historicamente praticadas dentro da comunidade, para realização de atividades diversas, como mutirões de colheita, limpeza, construções e etc. Além de reforçar as relações já existentes entre as pessoas que moram perto uma das outras As metodologias participativas na extensão rural têm o objetivo de auxiliar técnicos e extensionistas nos trabalhos com as comunidades; propiciando um visão mais holística para o entendimento das necessidades básicas do indivíduo ou de uma comunidade para que possam identificar as potencialidades do conhecer e agir, através da valorização dos conhecimentos e sua cultura, integrando esses conceitos no momento de transmissão e troca de experiências.

Tendo em vista o cenário geral de degradação ambiental, ausência da Caatinga, a vegetação nativa nessa comunidade, e todas as problemáticas que estão direta ou indiretamente ligadas as condições ambientais locais e regionais, o número de beneficiários e beneficiárias que ainda não tinham realizado o Cadastro Estadual Florestal de Imóveis Rurais – CEFIR, e a própria transformação da paisagem que se deu ao longo dos anos, trazer o tema da adequação ambiental de imóveis rurais, que está ligada a toda prosperidade ecológica de recursos naturais de uma unidade de produção familiar, foi muito importante.

O debate se iniciou a partir da análise da própria percepção da comunidade. Foi montado um painel, com desenho e recortes que ilustravam as paisagens e o cenário ambiental como sempre relatam os mais velhos, com corpos d'água mais perenes e uma grande variedade de animais e plantas, ampliando as possibilidades na execução de uma metodologia participativa.

> As metodologias participativas podem ser caracterizadas como um conjunto de ferramentas que podem possibilitar a melhoria da qualidade de vida dos agricultores e das agricultoras familiares, valorizando e potencializando as experiências vividas, através da participação das pessoas, convocando-as para o protagonismo das suas próprias vidas (HABERMEIER, 1995).

Ao passo que mais elementos vem a luz da discussão, como os grandes desmatamentos causados pelos fazendeiros da região, e o desaparecimento de espécies de animais que eram vistas com muita facilidade por todos da comunidade, que também eram recursos utilizados diretamente por uma grande maioria das famílias, como complemento na alimentação, e até para comercialização da carne e couro nas feiras locais. Aos poucos o público da roda foi compreendendo a relação direta da retirada não planejada dos recursos naturais locais e o descontrole do microclima, interferindo diretamente na vida de cada agricultor e agricultora da região. Assim que a comunidade fez todos os recortes cronologicamente, sobre as alterações da paisagem e dos elementos da natureza principalmente, foi feita uma exposição sobre o avanço do desmatamento na Caatinga e no Semiárido brasileiro. Com o objetivo de situar cada um deles dentro do mapa do nordeste e principalmente do mapa do desmatamento que aconteceu no Semiárido nos últimos 20 anos. Posicionar a comunidade dentro de uma problemática regional e nacional, faz com que cada um possa entender diretamente a magnitude dos impactos locais num cenário regional e nacional.

A experiência tem uma atmosfera familiar e de construção histórica da comunidade. Seu Zezé, beneficiário do projeto pertencente ao grupo de aves, um dos pioneiros na colonização da Caatinga bruta do território rural Busca Vida, liderança informal da comunidade é quem toca a prosa. A partir de perguntas geradoras e o painel de um desenho do verde exuberante da mata nativa, e diversos animais nativos dentro da vegetação, rios correntes, poucos roçados entre a imensidão das matas, construiu o plano de fundo da narrativa. É a criação de um grupo que vai além da criação artificial do grupo de interesse, ali se caracteriza o grupo entrelaçado por suas vivências e capacidade de resiliência naquele lugar. Ao passo que as histórias vão se cruzando, mais narrativas surgem, os relatos de seu Zezé trazem um emaranhado de teias conectando cada participante. A transformação do ambiente vai acontecendo junto com a evolução e diversidade dos relatos, as cercas vão surgindo, as matas vão desaparecendo, os animais nativos já não são tantos assim. A comunidade passa a compreender como o modo de fazer agricultura na região transformou o ambiente e fez o território de tanta fartura chegar a um estado de escassez extrema. Escassez das águas, chuva, terra fértil, caatinga, animais e prosperidade nas colheitas. E assim conseguimos estabelecer o link entre a devastação ambiental e a situação atual da estiagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A metodologia aplicada trouxe resultados muito importantes para a atividade, principalmente na tentativa de reforçar os laços dos grupos reais existentes na comunidade, formado pela aliança entre a vizinhança que já se relacionada em diversos formatos, os laços de parentesco entre os participantes, e outros modos de relacionar já estabelecidos pela dinâmica da vida na roça, como mutirões para limpeza das áreas, colheita e etc. A partir das reflexões de autores como (THIOLLENT, 2011), é possível entender que os processos de intervenção participativos contribuem para estimular os agricultores a se organizarem em torno de seus problemas, prioridades e demandas, valorizando suas potencialidades e suas capacidades de organização coletiva. Esse processo pode acontecer de diversas maneiras: reuniões, seminários, entrevistas coletivas e aprendizagem conjunta na solução dos problemas identificados, fortalecimento a capacidade coletiva de (THIOLLENT, 2011).

Isso fez com que a ideia de uma temática transversal proposta com a análise das ISA´s e também nas observações da vivência do técnico na região, foi uma estratégia que deu certo. A narrativa inicial feita pela colaboração das vozes da própria comunidade desenhando a transformação da paisagem ao longo dos anos, facilitou naturalmente a compreensão da situação ambiental da comunidade. Corroborando com as ideias de (MUSSOI, 1993), esse modelo de Extensão Rural, cujo desempenho prático mostrou-se frágil diante da realidade, excludente e concentrador de renda e da terra, além de ter sido responsável por uma enorme degradação ambiental. Foi notável no posicionamento do debate a importância da intervenção da assistência técnica continuada no estabelecimento desse diálogo. Os grupos trouxeram importantes considerações a respeito das medidas a serem tomadas para mitigação das problemáticas do território.

Em Extensão ou Comunicação (2006), Freire ao criticar o extensionismo agrícola antidialógico e mecanicista, nos chama a atenção para uma invasão cultural manipuladora, submissa e doméstica, não levando em consideração o sujeito histórico e cultural.

Corroborando com as ideias de (Santos *et al*., 2009), que relata sobre as metodologias participativas na extensão rural têm com o objetivo de auxiliar técnicos e extensionistas nos trabalhos com as comunidades; propiciando um visão mais holística para o entendimento das necessidades básicas do indivíduo ou de uma comunidade para que possam identificar as potencialidades do conhecer e agir, através da valorização dos conhecimentos e sua cultura, integrando esses conceitos no momento de transmissão e troca de experiências.

Aspecto importante a ser considerado, já que essa abordagem da metodologia participativa nesse projeto de ATER que é uma chamada pública do governo do estado da Bahia, que está ancorada na Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (PNATER), Lei 12.188, de 11 de janeiro de 2010. Política que tem como princípio uma educação dialógica compreendida como base dessa nova extensão rural que desafia os profissionais de extensão rural para perspectivas voltadas às habilidades dentro de uma proposta metodológica de trabalho mais participativa, em um contexto de ações educativas comprometidas com o desenvolvimento rural sustentável das comunidades. Além de (THIOLLENT, 2011), que diz: é possível entender que os processos de intervenção participativos contribuem para estimular os agricultores a se organizarem em torno de seus problemas, prioridades e demandas, valorizando suas potencialidades e suas capacidades de organização coletiva.

Nesse contexto, Paulo Freire (1983) destaca-se como um dos primeiros críticos do processo educacional e da extensão convencional, tendo proposto o estabelecimento de uma relação dialética entre o agricultor e o extensionista para a construção de conhecimentos apropriados a cada realidade, além da troca de saberes como uma forma de (re) valorização da cultura local.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural**. Brasília, DF: SAF; Dater, 2004.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia e Extensão Rural: Contribuições para a Promoção do Desenvolvimento Rural.** Brasília, 2007

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?**. Editora Paz e Terra, 2014

FERREIRA, J. M. L.; VIANA, J.H.M.; COSTA, A. M.; SOUSA, D. V.; FONTES, A.A. **Indicadores de Sustentabilidade em Agroecossistemas**. Informe Agropecuário, v. 33, n. 271, p. 12-25, Nov./dez. 2012.

HABERMEIER, K. **Diagnóstico Rápido e participativo da Pequena Produção Rural – Série Metodologias Participativas**. Centro Sabiá, Recife, 1995.

MUSSOI, E. M. **Necessidade de novos paradigmas de desenvolvimento e um repensar das instituições de pesquisa, extensão e ensino, a partir das demandas concretas da sociedade**. Vitória (ES), 1993. (mimeo).

SANTOS, F. N. et al., **Ferramentas metodológicas na construção e fortalecimento de projetos agroecológicos em assentamentos e comunidades rurais.** Revista Brasileira de Agroecologia, vol. 4, n. 2, 2009, p. 3006-3009.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.